

JOSEPH LELYVELD

# Mahatma Gandhi

*E sua luta com a Índia*

*Tradução*

Donaldson M. Garschagen



Copyright © 2011 by Joseph Lelyveld

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Great Soul: Mahatma Gandhi and his struggle with India

*Capa*

Rodrigo Maroja

*Foto de capa*

Gandhi, c. 1910 © Bettmann / CORBIS (DC) / LatinStock

*Preparação*

Silvana Afram

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lelyveld, Joseph

Mahatma Gandhi : e sua luta com a Índia / Joseph Lelyveld ;  
tradução Donaldson M. Garschagen. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2012.

Título original: Great Soul : Mahatma Gandhi and his  
struggle with India.

ISBN 978-85-359-2113-7

1. África do Sul - Política e governo - 1836-1909 2. Estadistas - Índia - Biografia 3. Gandhi, Mahatma, 1869-1948 4. Índia - Política e governo - 1919-1947 5. Nacionalistas - Índia - Biografia 1. Título.

---

12-05162

CDD-954.035092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Estadistas : Índia : Biografia 954.035092

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Nota do autor .....	13
I. ÁFRICA DO SUL	
1. Prólogo: Um visitante inconveniente .....	21
2. A questão dos intocáveis .....	50
3. Entre os zulus .....	77
4. Câmara Alta .....	105
5. A rebelião dos trabalhadores .....	134
II. ÍNDIA	
6. O despertar da Índia .....	169
7. Inaproximabilidade .....	203
8. Ave, Libertador! .....	233
9. Jejum até a morte .....	263
10. Aldeia de serviço .....	296
11. O caos generalizado .....	328
12. Vencer ou morrer .....	370

Glossário .....	403
Vida de Gandhi — Cronologia.....	407
Notas .....	411
Fontes .....	441
Agradecimentos .....	451
Créditos das imagens .....	457
Índice remissivo .....	459

I. ÁFRICA DO SUL

# I. Prólogo: Um visitante inconveniente

Aquele era um caso que só mesmo um advogado sem clientes teria aceitado. Ao desembarcar na África do Sul, Mohandas Gandhi era um assistente jurídico de 23 anos, inexperiente e desconhecido, e vinha de Bombaim, onde seus esforços para se firmar como advogado se arrastavam sem êxito havia mais de ano.<sup>1</sup> Sua estada no país seria temporária, no máximo de doze meses. No entanto, nada menos que 21 anos se passaram antes que ele enfim retornasse à pátria, em 14 de julho de 1914. A essa altura, estava com 44 anos, era um político e negociador tarimbado, líder de um movimento de massa recente, criador de uma doutrina específica para esse tipo de luta, autor prolífico de panfletos vigorosos e mais que isso: um evangelista autodidata sobre assuntos espirituais, nutricionais e até médicos. Ou seja, estava bem encaminhado para se tornar o Gandhi que a Índia viria a reverenciar e, vez por outra, seguir.

Nada disso fazia parte de sua incumbência original. De início, sua única missão consistia em prestar assistência num encarniçado litígio cível entre duas empresas comerciais muçulmanas com raízes em Porbandar, pequeno porto no mar da Arábia, na extremidade noroeste da atual Índia, onde ele nascera. Toda a contribuição do jovem advogado para a lide deveria ser a fluência em inglês e guzerate, sua língua materna, e sua recente formação em direito no Inner

Temple, em Londres. Sua modesta tarefa seria atuar como intérprete, linguístico e cultural, entre o comerciante que o contratara e o advogado inglês deste.

Até então não havia indício de que algum dia ele tivera ideias políticas próprias. Durante três anos de estudos em Londres — e nos quase dois anos seguintes, em que procurou começar uma carreira na Índia — suas causas foram o vegetarianismo dietético e religioso, bem como o culto místico chamado teosofia, que afirmava ter absorvido a sabedoria do Oriente, em especial a do hinduísmo, em relação ao qual Gandhi tinha mais curiosidade do que conhecimento teórico, em busca de consolo numa terra estrangeira. Não tendo nunca antes sido um místico, aproximou-se, em Londres, de outros aspirantes à espiritualidade que viviam numa área que equivalia, metaforicamente, a uma pequena periferia agreste, que ele julgava ser um terreno comum entre duas culturas.

Em contraste, a África do Sul o desafiou, desde o primeiro momento, a explicar o que estava fazendo ali com sua pele morena. Ou, mais precisamente, com sua pele morena, sua garbosa sobrecasaca, suas calças risca de giz e seu turbante preto achataido, à moda de sua região natal, Kathiawad, com o qual Gandhi compareceu a um tribunal em Durban, em 23 de maio de 1893, um dia depois de sua chegada. O juiz considerou o adereço uma demonstração de desrespeito e ordenou ao desconhecido advogado que o tirasse; em vez disso, Gandhi deixou, altivo, o tribunal. No dia seguinte, o jornal *The Natal Advertiser* registrou o incidente numa notinha mordaz intitulada “Um visitante inconveniente”. Gandhi se apressou a enviar uma carta ao jornal, a primeira de dezenas que escreveria a fim de desmontar ou esvaziar os argumentos dos brancos. “Da mesma forma que, entre os europeus, tirar o chapéu é um sinal de respeito”, escreveu ele, um indiano mostra respeito mantendo a cabeça coberta.<sup>2</sup> “Na Inglaterra, ao comparecer a reuniões em residências particulares ou a festas noturnas, os indianos conservam sempre a cabeça coberta, e as senhoras e os cavalheiros ingleses parecem entender a consideração que com isso demonstramos.”

O jovem e ilustre desconhecido estava no país havia apenas quatro dias quando a carta foi publicada. O fato é digno de nota porque se deu quase duas semanas antes de um incidente chocante de insulto racial, num trem que ia do litoral para o interior, e que é visto por muitos como o episódio que deflagrou o espírito de resistência de Gandhi. Pode-se dizer que a carta ao *Advertiser* já revelava que seu espírito de confronto não precisava ser provocado. Pelo que se viu depois, os matizes de zombaria e de competição jocosa da missiva eram típicos dele. Entretanto,

foi o incidente no trem que veio a ser visto como transformador, não só no filme *Gandhi*, de Richard Attenborough, ou na ópera *Satyagraha*, de Philip Glass, como na própria *Autobiografia de Gandhi*, escrita três décadas depois do ocorrido.

Se o episódio não formou seu caráter, deve tê-lo despertado (ou aprofundado). O caso é que Gandhi foi expulso de um compartimento de primeira classe, em Pietermaritzburg, porque um passageiro branco se recusou a dividir o espaço com um “coolie”. O que normalmente é minimizado nas incontáveis narrativas do incidente no trem é o fato de que o jovem e energético advogado acabou levando a melhor. Na manhã seguinte, disparou telegramas para o gerente geral da ferrovia e para seu patrão em Durban. Criou um barulho tão grande que por fim foi autorizado a embarcar no mesmo trem e na mesma estação, na noite seguinte, sob a proteção do chefe da estação, ocupando um compartimento de primeira classe.

Como os trilhos da estrada de ferro, na época, não chegavam até Johannesburgo, ele foi obrigado a fazer o trecho final da viagem numa diligência. E, mais uma vez, se envolveu num confronto claramente racista. Gandhi, que se abstivera de protestar por viajar sentado do lado de fora, na boleia, ao lado do cocheiro, foi tirado de seu lugar numa parada por um funcionário branco da companhia, que desejava o lugar para si. Diante de sua resistência, o homem o chamou de *sammy* — termo sul-africano pejorativo para designar indianos (consta que seria uma corruptela de *swami*) — e passou a agredi-lo fisicamente. Segundo a narrativa de Gandhi, seus protestos tiveram o efeito surpreendente de fazer com que passageiros brancos intercedessem em seu favor. Ele conseguiu manter seu lugar e, quando a diligência parou num certo local para pernoitar, enviou uma carta ao supervisor local da companhia, que assegurou um lugar dentro do veículo para o jovem estrangeiro completar o percurso.

Todas as reações quase instantâneas do recém-chegado, em cartas e telegramas, nos mostram que o jovem Mohan, como era chamado, levou consigo para a África do Sul seu instinto de resistência (que o psicanalista Erik Erikson chamou de sua “eterna negativa”).<sup>3</sup> O ambiente estrangeiro se revelaria um local perfeito para o florescimento desse instinto. Numa sociedade que ainda era basicamente de fronteira, o anseio de dominação por parte dos brancos ainda não produzira uma ordem racial estabelecida. (Isso jamais aconteceria, de fato, ainda que houvesse uma tentativa sistemática nesse sentido.) Gandhi não teria necessidade de procurar conflitos; eles o encontravam.

Nesses primeiros dias acidentados numa nova terra, Mohan Gandhi se mostra, nos confrontos iniciais, uma figura firme e combativa, de fala mansa, mas nada reticente. Seu inglês está a caminho de se tornar impecável, e ele se apresenta vestido com tanto apuro, à maneira inglesa, quanto a maioria dos brancos com quem se relaciona. Não cede terreno, mas tampouco se comporta de forma assertiva ou agitada demais, a ponto de trair insegurança. Mais tarde dirá que era tímido nessa fase da vida, mas na verdade exibe constantemente uma tenacidade que poderia ser uma questão de herança: é filho e neto de *diwas* ocupantes da mais elevada posição civil nos tribunais dos minúsculos principados que proliferavam no Guzerate em que cresceu. Um *diwa* era uma mescla de ministro-chefe e administrador de propriedade. Evidentemente, o pai de Gandhi não metia a mão nos cofres de seu rajá em benefício próprio e foi sempre um homem de recursos modestos. Mas deixou uma herança de posição, dignidade e firmeza. Esses atributos, em combinação com a pele morena e suas credenciais como causídico formado em Londres, bastam para marcar o filho como uma avis rara na África do Sul daquele tempo: para algumas pessoas, pelo menos, uma figura simpática e cativante.

Ele é uma pessoa suscetível a apelos morais e doutrinas edificantes, mas não mostra muita curiosidade em relação ao novo ambiente ou ao emaranhado de questões morais que são tão características da nova terra quanto sua flora resistente. Deixara na Índia esposa e dois filhos, e ainda teria de trazer para junto de si a fieira de sobrinhos e primos que mais tarde iriam ter com ele na África do Sul, levando, assim, uma vida muito solitária. Como não logrou impor-se como advogado na Índia, sua comissão temporária representa todo o seu meio de vida e o de sua família, de forma que seria razoável supor que ele esteja atento a oportunidades de dar início a uma carreira. Deseja que sua vida tenha sentido, mas não sabe ao certo onde ou como isso acontecerá. Dessa forma, como a maior parte dos adultos jovens, está vulnerável e inacabado. Procura algo — uma carreira, um modo de vida santificado, idealmente as duas coisas — a que se ligar. Quem lê a autobiografia que ele escreveria às pressas, em entregas semanais, mais de três décadas depois, não percebe com facilidade, mas nessa fase ele está mais para o herói não valorizado de um *Bildungsroman* [romance de formação] do Oriente e do Ocidente do que para o futuro Mahatma por ele retratado que vivenciava poucas dúvidas e desvios após suas primeiras semanas em Londres antes de completar vinte anos. O Gandhi que desembarcou na África do Sul não

parece ser um destinatário provável do título honorífico — Mahatma significa “Alma Grande” — que o poeta Rabindranath Tagore mais tarde afixou a seu nome, quatro anos depois de seu retorno à Índia.<sup>4</sup> Sua transformação ou autoinvenção — um processo que foi tanto interno quanto externo — levou anos. Entretanto, uma vez começado, Gandhi nunca mais foi estático ou previsível.

Perto do fim da vida, quando não era mais capaz de controlar o movimento que liderara na Índia, Gandhi encontrou numa canção de Tagore palavras com que expressar a percepção constante de sua própria singularidade: “Acredito em caminhar sozinho. Cheguei sozinho a este mundo, caminhei sozinho no vale da sombra da morte, e partirei sozinho, quando chegar a hora”.<sup>5</sup> Gandhi não teria se expressado de forma tão incisiva quando chegou à África do Sul, mas se sentia caminhando sozinho de uma maneira que decerto não teria imaginado se houvesse permanecido no casulo de sua família ampliada na Índia.

Ele viveria outros confrontos raciais de variados graus de gravidade numa África do Sul rude e grosseira, onde os brancos ditavam as regras: em Johannesburgo, o gerente do Grand National Hotel olhou-o com desdém e só então descobriu que o estabelecimento estava lotado; em Pretória, onde uma portaria municipal reservava calçadas para uso exclusivo de brancos, um policial de guarda diante da residência do presidente Paul Kruger ameaçou pôr o recém-chegado na rua a bofetadas, por ocupar indevidamente o passeio;<sup>6</sup> também em Pretória, um barbeiro branco recusou-se a cortar seu cabelo; em Durban, a Associação de Direito objetou a registrá-lo como advogado, o que até então era prerrogativa de brancos; numa igreja anglicana foi-lhe negado o direito de participar de um culto.

Seria necessário ainda todo um século para que tais práticas cessassem, para que o domínio pela minoria branca acabasse chegando ao inevitável e merecido fim na África do Sul. Hoje, monumentos a Gandhi espalham-se pelo país, refletindo o papel heroico que a nova história lhe atribui. Vi esses monumentos não só na comunidade Phoenix, como também em Durban, Pietermaritzburg, Ladysmith e Dundee. Quase sempre eles mostram a figura idosa a que Winston Churchill se referiu de forma mordaz como “um advogado sedicioso do Middle Temple que deu para posar de faquir [...] andando meio nu”, e não o advogado sul-africano em ternos impecáveis. (É provável que isso se deva ao fato de a maioria dessas estátuas e bustos ter sido distribuída pelo governo indiano.) Entretanto, em Johannesburgo, num amplo espaço urbano rebatizado como praça Gandhi — antes ela levava o nome de um burocrata africânder —, o Gandhi

sul-africano é mostrado como um jovem à paisana, caminhando em direção ao lugar onde ficava o tribunal, hoje demolido, em que atuou como advogado e a que compareceu como prisioneiro: na estátua de bronze, a toga de advogado drapeja sobre um terno ocidental. A praça Gandhi fica bem perto da esquina das ruas Rissik e Anderson, perto de seu velho escritório de direito, onde ele recebia visitantes sob uma imagem colorida de Jesus Cristo. O restaurante vegetariano, a poucos passos dali, onde ele conheceu seus mais chegados amigos brancos, há muito fechou as portas; bem perto de onde ele ficava, talvez no mesmo ponto, ergue-se hoje uma loja da cadeia McDonald's, que nada tem de vegetariana e vai de vento em popa. No entanto, a nova África do Sul não força demais a realidade ao reivindicar Gandhi como um de seus heróis, muito embora ele não tenha conseguido prever isso quando viveu no país. Ao se radicar ali, ele formou a persona que assumiria na Índia durante os últimos 33 anos de vida, período em que fez de si mesmo um exemplo que povos colonizados em todo o mundo, inclusive os sul-africanos, viriam a julgar inspirador.

Um dos novos monumentos a Gandhi encontra-se sobre um pedestal perto da bela e velha estação ferroviária de Pietermaritzburg — ou simplesmente Maritzburg — sob uma cobertura de ferro corrugado enfeitada com o que parece ser a ornamentação vitoriana original, não muito longe do local onde o recém-chegado foi retirado do trem. A placa diz que a expulsão do trem “mudou o rumo” da vida de Gandhi. “Ele assumiu a luta contra a opressão racial”, declara. “Sua não violência ativa teve início naquele dia.”

Trata-se de uma paráfrase motivacional da *Autobiografia* de Gandhi, mas, como história, não passa de pieguice. Gandhi afirma nessas memórias que, ao chegar a Pretória, convocou uma reunião com os indianos que ali residiam, para animá-los a enfrentar a situação racial. Se fez isso, a iniciativa de pouco valeu. Naquele primeiro ano, ele não havia ainda assumido um manto de liderança. Não era sequer visto como residente, mas sim como um jovem advogado trazi-do de Bombaim para uma missão temporária. Seu trabalho na Justiça deixava-lhe tempo de sobra, que ele dedicava mais à religião que à política. Nesse novo ambiente, tornou-se um aspirante à espiritualidade ainda mais sério e eclético do que fora em Londres, movimento para o qual era levado tanto pelas circunstâncias quanto por uma inclinação natural. O advogado que ele deveria auxiliar

revelou-se um cristão evangélico bem mais interessado na alma de Gandhi que no conflito judicial em que deveria atuar. Ele passava grande parte do tempo em longas tertúlias com evangélicos brancos que o julgavam um provável prosélito. Participava até de cultos de oração diárias, que normalmente incluíam preces para que a luz de Cristo brilhasse em seu coração.

Dizia a seus novos amigos, todos brancos, que do ponto de vista espiritual não tinha compromissos, porém mais tarde quase sempre negou que algum dia tivesse cogitado seriamente converter-se. No entanto, de acordo com o autor que realizou o mais detido estudo do envolvimento de Gandhi com missionários, ele levou dois anos para resolver a questão em seu próprio espírito.<sup>7</sup> Em dada ocasião, admitiu isso a Millie Polak, mulher de um advogado britânico que fazia parte de seu círculo íntimo nos últimos dez anos que passou na África do Sul. “Cheguei a pensar seriamente em abraçar o cristianismo”, ele teria dito, segundo ela. “Senti uma grande atração pelo cristianismo, mas por fim conclui que não havia nada em suas escrituras que não estivesse nas nossas, e que ser um bom hindu significava também que eu seria um bom cristão.”<sup>8</sup>

No fim de 1894 vemos esse jovem descompromissado e ecumênico flertando, ou pelo menos às vezes assim parecia, com várias seitas religiosas ao mesmo tempo, escrevendo ao jornal *The Natal Mercury* em favor de um movimento denominado União Cristã Esotérica, uma escola sintetizadora que, como ele explicou, procurava conciliar todas as religiões, mostrando que todas elas representam as mesmas verdades eternas. (Essa foi uma ideia que Gandhi repetiria mais de meio século depois, nos últimos anos e meses de sua vida, em cultos de oração tão ecumênicos que se entoavam hinos como “Ó, Deus, nosso refúgio na eternidade” em meio a preces hinduístas e muçulmanas.)<sup>9</sup> Numa carta que enviou a um editor em 1894, recomendando uma coletânea de textos religiosos, Gandhi se identificou, orgulhoso, como “Agente da União Cristã Esotérica e da Sociedade Vegetariana Londrina”.<sup>10</sup>

A julgar por seus textos autobiográficos, é possível, até provável, que Gandhi passasse mais tempo em Pretória com os catequistas evangélicos do que com seus patrões muçulmanos. Seja como for, esses eram seus dois círculos, que não se superpunham, nem representavam algum tipo de microcosmo do país em que a África do Sul estava se transformando a passos largos. Era inevitável, até mesmo por opção, que ele permanecesse um estrangeiro. A rudeza de algumas de suas primeiras confrontações com brancos deixara patente que tentar progredir

naquela nova terra poderia levá-lo a conflitos. Fazer valer seus direitos e reivindicar cidadania equivalia a cruzar uma fronteira e penetrar na política. Dois meses depois de se instalar em Pretória, Gandhi ocupava-se em escrever cartas sobre assuntos políticos aos jornais em língua inglesa, procurando se impor, mas ainda representando somente a si mesmo.

Em 5 de setembro, mal transcorridos três meses de sua chegada ao país, o *Transvaal Advertiser* publicou a primeira dessas cartas, uma lengalenga bem comprida que já trazia implícitos os argumentos políticos que mais tarde Gandhi exporia como porta-voz da comunidade. Nessa carta, ele reagia ao emprego do termo “coolie”, epíteto comumente atribuído a todos os imigrantes de pele morena da Índia britânica. Ele não se importava que o termo fosse aplicado a trabalhadores em regime de engajamento [*indentured servants*],<sup>\*</sup> indianos miseráveis transportados em massa, em geral para o corte de cana-de-açúcar. A partir de 1860, foi esse o processo pelo qual a maioria dos indianos chegou à África do Sul. Esse movimento, parte de um tráfico humano um degrau acima da escravidão, também levou dezenas de milhares de indianos às ilhas Maurício, a Fiji e às Índias Ocidentais. A palavra “coolie”, afinal, parece derivada do nome de um grupo de camponeses de regiões ocidentais da Índia, os *kolis*, tidos como avessos à lei e com suficiente coesão grupal para serem reconhecidos como uma subcasta.<sup>11</sup> No entanto, argumentava Gandhi, não deveriam ser depreciados dessa forma ex-trabalhadores sob contrato de engajamento que não retornavam à Índia ao fim do contrato, mas que permaneciam no país, mantendo-se como pudessesem, assim como comerciantes indianos que haviam pagado sua própria passagem. “Fica evidente que indiano é a palavra mais adequada para essas duas classes”, escreveu ele. “Nenhum indiano é um *coolie* de nascimento.”<sup>12</sup>

\* *Indenture, indentured servants*: esses termos não têm tradução muito consolidada entre nós. Há quem fale em “servidão [ou escravidão] temporária”, “servos” etc. Uma *indenture* é um contrato de prestação de serviços por tempo determinado, geralmente em troca do sustento (casa, roupa e comida) do trabalhador, por exemplo entre aprendiz e mestre. Daí o fato de alguns entenderem a *indenture* como uma “servidão por dívida”. Mas, embora os termos de uma *indenture* acarretem a privação temporária da liberdade do contratado, trata-se de uma modalidade de trabalho muito específica do capitalismo em sua expansão colonial, e não há como confundi-la com a servidão. No Brasil, encontramos com frequência o mesmo fenômeno, citado nas fontes como “engajamento” e “engajados”. Assim, adota-se aqui para *indenture* e *indentured servants* “engajamento”, “contrato de serviço a termo”, “engajados” e correlatos. (N. E.)

Essa é uma afirmação que não lhe teria ocorrido com facilidade se ele tivesse permanecido na Índia. O ambiente estrangeiro, é razoável imaginar, havia incitado nele o impulso de colocar-se do lado de fora da comunidade e refletir. Nessa atitude — a primeira declaração nacionalista de sua vida — está implícita uma distinção de classe. Ele defende os indianos, mas não os *coolies*. Nas entrelinhas, parece enunciar que o máximo que se pode dizer em favor dos *coolies* é que a posição deles não é necessariamente permanente. Em nenhum ponto de sua carta ele toca nas terríveis condições a que esses “semiescravos” temporários eram submetidos.

Gandhi admite que os *coolies* pudessem ser arruaceiros e até roubar. Sabe, mas não faz questão de dizer, que a maioria daqueles que ele agora concordava em chamar de *coolies* era de casta inferior. Na verdade, ele evita falar em casta. Não diz que os *coolies* são, em essência, diferentes de outros indianos. Podem tornar-se bons cidadãos quando seus contratos terminam. Por enquanto, porém, a miséria e o desespero deles não lhe despertam muita piedade. Ao menos por enquanto, Gandhi não se identifica com eles.

Os habitantes brancos da África do Sul e o Colonial Office, em Londres, viam na África do Sul confrontada pelo jovem Mohan quatro diferentes estados ou territórios. (Havia também a Zululândia, que se encontrava sob supervisão britânica e tinha ainda de se fundir completamente com Natal, o território com governo autônomo que cercava a terra dos zulus. Na visão dos brancos — dos colonizadores e das autoridades coloniais — os reinos africanos que subsistiam no subcontinente só existiam, longe das principais vias de comércio e sem nada que se assemelhasse à soberania, graças à condescendência deles.) Os estados considerados importantes eram aqueles com governos brancos. Os dois territórios litorâneos eram colônias da Coroa britânica: o Cabo, na extremidade sul da África, onde os brancos tinham se instalado no século XVII e onde os oceanos Atlântico e Índico se juntam; e Natal, na verdejante costa leste do continente. No interior ficavam duas repúblicas bôeres (ou seja, africânderes), sem acesso ao mar e quase independentes: o Estado Livre de Orange e a chamada República Sul-Africana, um núcleo de fronteira, culturalmente isolado, no território conhecido como Transvaal. Essa república — criada como uma Sião para uma população branca autóctone de *trekboers*, agricultores de ascendência basicamen-

te holandesa e huguenote que haviam fugido ao domínio britânico em suas duas colônias — estava praticamente invadida por um recente influxo de estrangeiros, sobretudo britânicos (chamados *uitlanders* no dialeto holandês simplificado que começava a ser reconhecido como uma língua separada, dali em diante chamada *afrikaans*, ou africânder). Isso porque havia sido descoberto no Transvaal, em 1886, o mais rico filão aurífero do mundo, apenas sete anos antes da desastrada chegada do inexperiente advogado indiano a Durban. Esse filão estava fora do controle formal dos britânicos, mas, como uma tentação, ao seu alcance.

A África do Sul que Gandhi deixou tantos anos mais tarde tornara-se mais que uma designação geográfica para um conjunto aleatório de colônias, reinos e repúblicas. Era agora um Estado uno e soberano que assumira o nome de União Sul-Africana, não mais uma colônia. E achava-se sob o firme controle dos brancos locais, o que significava que um advogado que se apresentava como porta-voz de uma comunidade imigrante não branca — era isso o que Gandhi se tornara — não podia mais pretender ter êxito na vida dirigindo petições ou liderando missões a Whitehall — ao governo inglês. Gandhi fora pouco mais que um espectador dessa notável transformação política. No entanto, essa mudança teve o efeito de afastar da mesa de negociações seu melhor argumento em favor de direitos iguais para os indianos. De início, Gandhi baseara sua defesa na interpretação idealista que ele próprio dava a uma proclamação da rainha Vitória, feita em 1858, que estendera formalmente a soberania britânica sobre a Índia, prometendo a seus habitantes as mesmas proteções e privilégios concedidos a todos os seus súditos. Ele a denominava “a Magna Carta dos indianos”, citando um trecho em que Sua Majestade declarara seu desejo de que todos os seus súditos indianos “de qualquer raça ou credo, sejam livre e imparcialmente admitidos às repartições de nosso serviço”.<sup>13</sup> Para Gandhi, tais direitos deveriam vigorar para os “indianos britânicos” que haviam deixado sua terra para viver em postos avançados do Império, como as áreas da África do Sul sob o domínio dos britânicos. Não era bem isso que os conselheiros da rainha tinham em mente, mas o argumento era difícil de rebater. Na nova África do Sul que passou a existir em 1910, esse argumento não tinha o menor valor. Para conseguir cada vez menos, constatou Gandhi no decurso de dois decênios, suas táticas tinham de se tornar cada vez mais agressivas.

Essa transformação, como, na prática, tudo o que tivesse a ver com a África do Sul e coincidisse com as primeiras atividades políticas de Gandhi, estava ligada, em última análise, ao ouro e a tudo aquilo que as novas minas trouxeram consigo — altas finanças, litígios trabalhistas e a primeira experiência importante, no século xx, de um tipo de guerra que poderia ser chamada de luta anticolonialista ou de contrarrebelião, ainda que os combatentes, de ambos os lados, fossem na maioria brancos: a Guerra dos Bôeres, que entre 1899 e 1902 calcinou savanas e encostas desnudas da África do Sul. Foi preciso um exército de 450 mil homens (entre os quais milhares de britânicos e indianos, trazidos do Raj\* pelo Índico, sob comando britânico) para enfim subjugar os destacamentos bôeres, milícias que em nenhum momento chegaram a totalizar mais de 75 mil homens. A guerra custou a vida de quase 47 mil combatentes, dos dois lados; além destes, quase 40 mil civis — sobretudo crianças e mulheres africânderes, mas também seus empregados agrícolas e criados negros — morreram de disenteria e doenças infecciosas, como sarampo, em paliçadas segregadas onde o Exército os reunia à medida que avançava país adentro. Criando um termo funcional e antisséptico para esses depósitos de sofrimento a céu aberto, os britânicos chamaram-nos campos de concentração.

Gandhi desempenhou um pequeno papel nessa guerra. O homem que, nas duas décadas seguintes, viria a se tornar o mais conhecido defensor da não violência da era moderna participou pessoalmente das ações armadas nas fases iniciais do conflito, como suboficial fardado, chefiando durante cerca de seis semanas um destacamento de 1100 padioleiros indianos não combatentes. Com trinta anos na época e já reconhecido como porta-voz da pequena mas crescente comunidade india de Natal — que não passava então de 100 mil pessoas, mas em breve superaria os brancos da colônia —, Gandhi foi à guerra a fim de comprovar junto aos líderes brancos o que ele afirmava: os indianos, qualquer que fosse a cor de sua pele, se consideravam cidadãos plenos do Império Britânico, dispostos a arcar com suas obrigações e merecedores de todos os direitos que o Império tivesse a lhes oferecer.

Assim que os britânicos obtiveram a supremacia em Natal e a guerra passou para o interior, os padioleiros indianos foram dispensados, o que encerrou

\* Denominação oficial do domínio colonial britânico (de *raj*, “reino”, em hindustâni) sobre a Índia no período 1858-1947. Pode referir-se também à própria Índia britânica. (N. T.)

a guerra para Gandhi. Seu recado tinha sido dado, mas não tardou muito para que ele fosse esquecido por aqueles a quem tentara impressionar. A elite racial de Natal continuou a promulgar leis destinadas a restringir os direitos de propriedade dos indianos e a banir das listas eleitorais os poucos (algumas centenas) que haviam conseguido registrar-se. Pode-se dizer que o Transvaal tinha mostrado o caminho. Em 1885, ao reivindicar soberania com o nome de República da África do Sul, o Transvaal aprovara uma lei que negava aos indianos os direitos básicos de cidadania; isso aconteceu oito anos antes que Gandhi desembarcasse em sua capital, Pretória.

No começo, ele preferiu imaginar que a suada vitória britânica, que unira as duas colônias e as repúblicas bôeres sob a potência imperial, só poderia redundar em benefício dos “indianos britânicos”. O que sucedeu foi o oposto. Em oito anos formou-se um governo nacional, encabeçado por generais bôeres que, derrotados no campo de batalha, haviam obtido na mesa de negociações a maior parte de seus mais importantes objetivos de guerra, aceitando pouco menos que soberania completa em matéria de relações exteriores em troca de uma virtual garantia de que somente os brancos ditariam o futuro racial e político da nova União Sul-Africana. Alguns “nativos” e outros não brancos protestaram. Gandhi, ainda tentando obter um acordo tolerável para os indianos, manteve-se quase em silêncio, com exceção de alguns artigos concisos nas páginas do *Indian Opinion*, o semanário que era seu megafone desde 1903, seu instrumento para trazer à baila questões de interesse, mantendo a comunidade coesa. Seus escassos comentários nas páginas do jornal sobre a nova estrutura de governo mostravam que ele não estava cego ao que realmente acontecia. Em termos gerais, porém, era como se nada desse contexto sul-africano maior e tudo o que ele pressagiava — a tentativa flagrante de postergar para sempre qualquer ideia ou possibilidade de um eventual acordo com a maioria negra do país — tivesse alguma relevância para sua causa, ou conseguisse afetar sua consciência. Nos milhares e milhares de palavras que ele escreveu e proferiu na África do Sul, só umas centenas mostram que ele estava cônscio de um iminente conflito racial ou que se preocupava com seu resultado.<sup>14</sup>

Todavia, se o Gandhi de 44 anos, que mais tarde viajaria da Cidade do Cabo a Southampton às vésperas de uma guerra mundial, parecia serenamente alheio à transformação do país onde até então ele passara a maior parte de sua vida adulta, não existia, provavelmente, ninguém que houvesse mudado mais do que

ele. O advogado novato criara uma bem-sucedida banca de advocacia em Durban e, após uma tentativa prontamente abortada de regressar à Índia, instalara-se em Johannesburgo. No processo, transferira a família da Índia para a África do Sul, depois de volta à Índia, de novo para a África do Sul e, por fim, para a comunidade Phoenix, nas cercanias de Durban, que ele criara com base numa ética de autossuficiência rural, adaptada de suas leituras de Tolstói e Ruskin. Os ensinamentos dos russos, como ele os interpretou, foram então traduzidos numa litania de recomendações para um estilo de vida austero, vegetariano, de abstinência sexual, de orações, ligado à terra e autossustentável. Mais tarde, deixando a mulher e os filhos na comunidade Phoenix, Gandhi permaneceu em Johannesburgo por um período que se estendeu por mais de seis anos.

Quando partiu da África do Sul, tinha passado apenas nove de 21 anos na mesma casa que a mulher e a família. Segundo seus próprios padrões revisados, não se poderia mais esperar dele que pusesse a família acima da comunidade maior. Em vez de concentrar-se na comunidade Phoenix, ele lançou, em 1910, um segundo núcleo comunal, chamado fazenda Tolstói, na encosta nua de uma *koppie* (colina) a sudoeste de Johannesburgo, ao mesmo tempo que dava prosseguimento à sua campanha sem trégua para enfrentar a barragem de leis e regulamentos que a África do Sul, em todos os níveis de governo — municipal, provincial e nacional —, continuava a erguer contra os indianos. O que incentivava essas restrições era o medo irracional, mas não de todo infundado, de uma gigantesca transferência de populações, um jorro de massas humanas pelo Índico, de um subcontinente para outro, sob a égide de um império que possivelmente teria interesse em aliviar as pressões demográficas que tornavam tão difícil governar a Índia.

Sábio, porta-voz, panfletista, petionário, agitador, vidente, peregrino, dietista, enfermeiro e admoestador — Gandhi assumiu de forma infatigável cada um desses papéis até que eles se fundiram num todo reconhecível. Sua contínua autoinvenção avançava em paralelo com sua função não oficial de líder da comunidade. De início, falava apenas em defesa das empresas, muçulmanas na maioria, que o contratavam, a minúscula camada superior de uma comunidade imigrante lutadora.<sup>15</sup> Ao menos um de seus clientes, Dawad Mahomed, proprietário de terras e imóveis, empregava indianos em regime de engajamento, cabendo presumir que os contratava nos mesmos termos leoninos que os patrões brancos. O próprio Gandhi pertencia a uma subcasta de comerciantes hindus, os

*modh baneanes*, um grupo próspero, mas apenas uma das numerosas subcastas baneanes, ou de comerciantes, da Índia. Os *modh baneanes* ainda desaprovavam, e às vezes proibiaam — como ele próprio descobrira quando foi a Londres pela primeira vez —, viagens pela *kala pani*, ou água preta, a países estrangeiros, onde os membros da casta poderiam sucumbir aos engodos da tentação alimentar e sexual. Esse era o motivo pelo qual ainda eram poucos os baneanes desse lado do oceano Índico. O fato ajuda também a explicar o predomínio inicial de muçulmanos entre os comerciantes de Guzerate que se aventuravam na África do Sul. Por isso, os primeiros discursos políticos de Gandhi foram feitos em mesquitas sul-africanas, um fato de imensa e óbvia relevância para sua inabalável recusa, mais tarde na Índia, a aprovar divergências comunitárias.<sup>16</sup> Um dos pontos altos da epopeia sul-africana de Gandhi ocorreu do lado de fora da mesquita Hamidia, em Fordsburg, bairro com alta concentração de indianos e limítrofe à zona central de Johannesburgo. Ali, em 16 de agosto de 1908, mais de 3 mil indianos se reuniram para ouvi-lo falar e queimar, num enorme caldeirão, seus vistos de residência no Transvaal, numa manifestação não violenta contra a mais recente lei racial, que restringia a chegada de novos imigrantes indianos. (Meio século depois, na era do apartheid, os nacionalistas negros lançaram uma forma semelhante de resistência, queimando seus passes — passaportes internos que eram obrigados a sempre ter consigo. Alguns historiadores têm procurado comprovação documental de que se basearam no exemplo de Gandhi, mas até agora nada localizaram.) Hoje, na nova África do Sul, numa Fordsburg antes declarada “branca” no regime do apartheid, a mesquita renovada rebrilha num entorno de miséria e degradação. Do lado de fora, uma escultura de ferro, na forma de um caldeirão apoiado num tripé, relembra o protesto de Gandhi.

Esses símbolos rememoram não só lutas sul-africanas posteriores como também as campanhas de Gandhi na Índia. Quando os muçulmanos de Johannesburgo quiseram enviar humildes saudações a um novo imperador otomano, na cidade que ainda se chamava Constantinopla, contaram com seu porta-voz hindu para escrever a missiva e levá-la ao destinatário através dos canais diplomáticos apropriados em Londres.<sup>17</sup> Mais tarde, depois de uma guerra mundial em que o Império Otomano se aliara ao lado perdedor, Gandhi conquistou o apoio dos muçulmanos indianos para a causa nacionalista ao proclamar que a preservação do papel do imperador como califa e protetor dos lugares sagrados muçulmanos seria um dos mais prementes objetivos da luta indiana em prol da

independência. Em dado nível, isso foi uma leitura perspicaz das marés emocionais que varriam a comunidade muçulmana; em outro, um exemplo acabado de oportunismo político. Fosse o que fosse, a ideia dessa medida nunca teria ocorrido a um político hindu a quem faltasse a experiência de Gandhi na tentativa de aglutinar uma pequena e diversificada comunidade de indianos em além-mar que se inclinava à divisão.

Se o Gandhi de Johannesburgo se sentia à vontade para defender os interesses de muçulmanos, podia defender todos os indianos, concluiu. “Não somos nem devemos ser homens de Tamil Nadu ou de Calcutá, maometanos ou hindus, brâmanes ou baneanes, mas pura e simplesmente indianos britânicos”, ensinou a seu povo, buscando desde o primeiro momento superar suas evidentes divisões.<sup>18</sup> Na Índia, disse ele em 1906, os senhores coloniais exploravam as diferenças regionais e linguísticas entre hindus e muçulmanos. “Aqui na África do Sul”, disse, “esses grupos são pequenos do ponto de vista numérico. As mesmas limitações pesam sobre todos nós. Por outro lado, porém, estamos livres de certas restrições que atormentam nosso povo na Índia. Por isso, é mais fácil para nós tentar alcançar a unidade.”<sup>19</sup> Vários anos depois, ele diria prematuramente que o santo gral da unidade havia sido conquistado: “O problema hindu-maometano foi resolvido na África do Sul. Compreendemos que uns não podem viver sem os outros”.<sup>20</sup>

Em outras palavras, aquilo que os indianos haviam realizado na África do Sul podia agora ser apresentado como um projeto de demonstração bem-sucedido, como um modelo para a Índia. Para um arrivista obscuro que procurava ascender na vida em outro continente, muito além do mais remoto limite da Índia britânica, essa era uma afirmação audaciosa, até mirabolante. Num primeiro momento, não causou nenhuma impressão discernível fora das salas onde foi proferida; mais tarde, veio a ser um dos principais temas de Gandhi quando ele se tornou a voz dominante do movimento nacionalista indiano. Durante algum tempo, então, o apoio dos muçulmanos fez a diferença entre a vitória de Gandhi e um lugar na segunda fila de líderes. Esse apoio lhe garantiu a ascendência na Índia.

Mas isso ainda estava, provavelmente, além da imaginação do próprio Gandhi. Os fatos em breve mostrariam que o ideal de unidade tampouco seria alcançado tão facilmente na África do Sul. Revivalistas hindus e muçulmanos chegavam da Índia com mensagens que tendiam a polarizar as duas comunidades e solapar a insistência de Gandhi na união. Graças à pura força de sua personalidade, ele logrou aplinar cisões em seus últimos meses no país — uma

solução temporária que lhe possibilitou declarar, com perdoável exagero, como faria ainda por muitos anos, que sua demonstração de unidade na África do Sul era um feito que a Índia deveria copiar.<sup>21</sup> Era também, claro está, seu próprio teste de campo no exterior, seu grande ensaio final.

A grande ideia de Gandhi — no começo denominada “resistência passiva” — ocorreu em 1906, com a convocação para o desafio a um novo exemplo de legislação anti-indiana, a Regulamentação da Lei dos Asiáticos. Gandhi criou para ela um epíteto: a “Lei Negra”. Ela exigia que os indianos — só eles — se registrassem no Transvaal, onde ainda eram relativamente poucos, menos de 10 mil: em outras palavras, que requeressem direitos de residência, que eles julgavam já ter na qualidade de “indianos britânicos”, uma vez que a lei britânica fora imposta no território em consequência da guerra recém-terminada. De acordo com essa medida discriminatória, o registro envolveria tirar as impressões digitais — dos dez dedos — de todo homem, mulher e criança acima dos oito anos. Depois disso, sempre que solicitado, o documento teria de ser exibido à polícia, autorizada a entrar em qualquer moradia para esse fim. “Nada vi nessa medida a não ser ódio aos indianos”, escreveria Gandhi mais tarde.<sup>22</sup> Conclamando a comunidade a resistir, disse que a lei tinha sido “criada para ferir a própria raiz de nossa existência na África do Sul”.<sup>23</sup> E, claro, era exatamente esse o caso.

A resistência que ele tinha em mente consistia em desobedecer à ordem de registrar-se conforme a lei. Foi o que declarou num evento lotado no Empire Theater, em Johannesburgo, em 11 de setembro de 1906 (um 11 de setembro anterior, de significado oposto ao daquele que conhecemos). É provável que os presentes, apenas homens, não chegassem aos 3 mil que a repetição descuidada acabou por consagrar; o Empire — arrasado por um incêndio na mesma noite, horas depois que os indianos se dispersaram — não comportaria tanta gente. Gandhi falou em guzerate e em híndi; suas palavras foram repetidas por tradutores em tâmil e télugo, por atenção ao contingente de indianos do sul. O orador seguinte foi um comerciante muçulmano chamado Hadji Habib, que, como Gandhi, era de Porbandar. Declarou que jurava diante de Deus jamais se submeter à nova lei.

Em decorrência de sua formação jurídica, Gandhi teve “no mesmo instante um sobressalto e fiquei alerta”, diria ele, devido a esse posicionamento inegociá-



*Queima dos documentos de registro na mesquita.*

vel, mas que, à primeira vista, não parecia tão diferente daquele que ele próprio acabara de tomar. Seu outro lado — o do aspirante à espiritualidade — não conseguia pensar num juramento desses como simples jogo político. Toda a questão dos juramentos, o peso e o valor deles, achava-se no primeiro plano de sua consciência. No mês anterior, ele fizera um voto de *brahmacharya*, o que significava que o pai de quatro varões propunha-se a guardar o celibato pelo resto da vida (comportamento, aliás, que ele aparentemente manteve durante todos os anos em que ficou separado da mulher, em Londres e na África do Sul). Ele já havia discutido seu voto com companheiros da comunidade Phoenix, mas ainda não o anunciara em público. Informara apenas a sua mulher, Kasturba, pressupondo que o voto não envolvia sacrifício nenhum por parte dela. Em seu entender, ele se dedicaria a uma vida de meditação e pobreza, como um *sannyasi*, ou santo homem indiano, que renunciara a todos os vínculos mundanos. Mas Gandhi alterava o conceito de forma heterodoxa: permaneceria no mundo para servir a seu povo. “Dar a vida para servir aos outros seres humanos”, diria ele mais tarde, “é coisa tão boa quanto viver numa gruta.”<sup>24</sup> Agora, em sua opinião, de repente Hadji Habib tinha ido além dele, pondo o juramento de desafiar a lei de registro

no mesmo plano. Ou seja, a desobediência à lei não era uma questão de tática ou mesmo de consciência; tornara-se um dever sagrado.

Naquela noite, discursando pela segunda vez no Empire, Gandhi advertiu os presentes que eles poderiam ir para a cadeia, encarar trabalhos forçados, “ser chicoteados por carcereiros rudes”, perder tudo o que tinham, ser deportados.<sup>25</sup> “Mesmo que sejamos ricos hoje”, disse, “poderemos ser reduzidos à miséria absoluta amanhã.” Ele mesmo cumpriria sua palavra, prometeu, “mesmo que todos os mais recuassem, deixando-me sozinho para aguentar as consequências”. Para cada um deles, falou, aquilo seria um “penhor que poderia levar à morte, não importando o que outros fizessem”. Aqui Gandhi se expressa com um fervor que para ocidentais seculares parecia de uma religiosidade de recém-converso. Em despachos para Whitehall, autoridades britânicas hostis o pintavam como um fanático, e um de seus principais biógrafos acadêmicos chega perto de endosar essa visão.<sup>26</sup> No entanto, naquela noite, Gandhi não falava para uma plateia ocidental de laicos. Também é improvável que Hadji Habib ou a grande maioria daquele público tivesse alguma noção de seu voto de *brahmacharya*, de clara inspiração hinduista. A ideia de desobediência civil não havia partido de nenhum dos dois homens. Pouco tempo antes, fora tentada pelas *sufragettes* em Londres. A ideia de que pudesse exigir castidade era de Gandhi, e só dele.

Em seu espírito, os dois votos que tinha feito estavam agora ligados de forma praticamente inseparável. Gandhi acreditava num princípio hindu tradicional segundo o qual qualquer perda de sêmen enfraquece o homem — uma opinião que, como às vezes se ouve dizer, é comum entre pugilistas ambiciosos e seus treinadores — e por isso, para ele, seus votos, desde o primeiro momento, tinham a ver com disciplina, com força. “Um homem que faz uma promessa de forma deliberada e consciente, e depois a quebra”, afirmou ele naquela noite no Empire Theater, “renuncia a sua virilidade.”<sup>27</sup> Um homem assim, prosseguiu, “transforma-se num pobre-diabo”. Anos depois, ao saber que a mulher de seu filho Harilal estava de novo grávida, Gandhi o repreendeu por ceder a “essa paixão debilitante”.<sup>28</sup> Aprendendo a vencê-la, prometeu, “você ganhará uma nova força”. Ainda mais tarde, quando era o líder incontestado do movimento nacionalista indiano, escreveu que o sexo conduz a um “desperdício criminoso do fluido vital” e a um “desperdício igualmente criminoso de energia preciosa”, que deveria ser canalizada para “a forma suprema de energia para o benefício da sociedade”.<sup>29</sup>

Pouco depois, ele passou a procurar um termo indiano que substituisse “re-

sistência passiva”. Não gostava do adjetivo “passivo”, que parecia transmitir uma ideia de fraqueza. O *Indian Opinion* organizou um concurso. Um sobrinho dele propôs o termo *sadagraha*, que significa “firmeza na causa”.<sup>30</sup> Gandhi, já habituado a ter a última palavra, mudou a proposta para *satyagraha*, que em geral se traduz como “força da verdade”, ou às vezes, mais literalmente, como “firmeza na verdade” ou até “apego à verdade”. Defender a verdade era defender a justiça, e fazer isso sem violência, opondo uma forma de resistência que por fim levaria o opressor a perceber que sua posição se baseava no oposto — na inverdade e na força. A partir daí, o movimento teve um nome, uma tática e uma doutrina. E tudo isso ele também levaria para seu país.

Gandhi estava sempre mudando, experimentando uma nova epifania a intervalos aproximados de dois anos — a comunidade Phoenix (1904), o *brahmacharya* (1906), a *satyagraha* (1908), a fazenda Tolstói (1910) —, cada qual representando um marco na rota que ele estava abrindo para si mesmo. A África do Sul tornara-se um laboratório para aquilo que ele mais tarde chamaria, no subtítulo de sua *Autobiografia*, “minhas experiências com a verdade”, frase difícil de entender, que me faz pensar que era ele próprio, o homem que buscava a “verdade”, que estava sendo testado. O pai de família renuncia à família; o advogado abandona a atividade profissional. Por fim, Gandhi adotaria um traje semelhante ao de um hindu santo errante, um *sadhu* entregue a sua própria peregrinação solitária, mas ele seria sempre o oposto de uma pessoa que abandona a sociedade. Para ele, sua tanga simples, fiada e tecida à mão, não remetia à santidade, mas sim a seu sentimento em relação às dificuldades dos pobres da Índia. “Não pretendi dizer”, ele escreveu mais tarde, “que eu podia me identificar com os pobres pelo mero uso de uma veste. O que eu afirmo é que até aquele paninho é alguma coisa.”<sup>31</sup> Ele estava ciente, é claro, político que era, de que a tanga podia ser lida de mais de uma forma. A ideia que ele fazia de uma vida de serviço também incluía permanecer no mundo e defender uma causa, às vezes várias ao mesmo tempo.

O chefe de família retira-se para o campo e se instala numa fazenda. “Nossa ambição”, explica um de seus companheiros, “é levar a vida das pessoas mais pobres.”<sup>32</sup> Gandhi era um político, mas na África estava livre, num grau surpreendente, como não estaria na Índia, para seguir o caminho que lhe aprouvesse. Os laços familiares e comunitários, apesar de menos compulsórios no novo

ambiente, de qualquer forma tinham de ser reinventados; ele tinha espaço para “experimentar”. Ademais, evidentemente, não havia cargos a buscar. Os brancos ocupavam todos.

É difícil apontar com precisão em que momento, na África do Sul, o advogado transplantado e ambicioso se torna reconhecível como o Gandhi que viria a ser chamado de Mahatma. Mas isso aconteceu por volta de 1908, quinze anos depois de sua chegada ao país. Ainda chamado *bhai*, irmão, ele se submeteu naquele ano a uma série de entrevistas feitas por seu primeiro biógrafo, Joseph Doke, um pastor batista branco de Johannesburgo, que, aliás, ainda nutria o desejo de converter seu biografado. Chamar o bem escrito livro de Doke de hagiografia não o deprecia, pois esse é, claramente, o seu gênero.<sup>33</sup> Seu personagem principal é definido pelas qualidades de um santo. “Nosso amigo indiano vive num plano superior ao dos outros homens”, escreveu Doke. Outros indianos “espantam-se com ele, indignam-se com seu peculiar desprendimento”. Também em nada diminui Doke o fato de o próprio Gandhi ter assumido a distribuição do livro. Ele comprou em Londres toda a primeira edição, para poupar Doke de “um fiasco”, disse com falsa modéstia, mas, na verdade, para dispor de volumes para dar a membros do Parlamento e enviar à Índia. Mais tarde, providenciou uma edição indiana, feita por seu amigo G. A. Natesan, que tinha uma editora em Madras, e toda semana, durante anos, publicou no *Indian Opinion* anúncios em que promovia a venda do livro pelo correio. Nas mãos de Gandhi, o livro de Doke se tornou uma biografia política para uma campanha que ainda não tinha sido lançada.

Gandhi ainda usa uma gravata e um terno ocidental na fotografia em grupo para a qual ele e Kasturba, empertigados, posaram no porto da Cidade do Cabo, no último dia que passaram no país. No entanto, olhando-se com atenção, nota-se, talvez, um leve prenúncio, em sua cabeça rapada e nas sandálias feitas à mão, de uma renovação da indumentária que ele já ensaiara em várias ocasiões. Ele exibiria essa renovação em sua chegada a Bombaim dali a seis meses, e no decorrer dos seis anos seguintes iria em frente até reduzir seu traje à simplicidade insuperável da tanga e do xale tecidos em casa. Nas fotos de sua chegada a Bombaim, o terno e a gravata foram banidos para sempre. Ele usa um turbante e a túnica larga, chamada *kurta*, em cima do que parece ser uma *lungi*, ou saia enrolada no corpo. A *lungi* em breve seria substituída pela *dhoti*, uma ampla tanga, que em mais alguns anos, em sua forma mais exígua, seria toda a sua vestimenta.